

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE - EDIÇÃO 2012

Por uma concepção dionisíaca de Educação

Marcelo Roberto da Silva Rios

Porto Alegre
Março de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE - EDIÇÃO 2012

Por uma concepção dionisiaca de Educação

Trabalho Monográfico, apresentado ao Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Doutor Marcelo de Andrade Pereira

Marcelo Roberto da Silva Rios

Porto Alegre
Março de 2013

In vino veritas
(Expressão Latina)

RESUMO

A partir da obra nietzschiana, *A Origem da Tragédia*, aparece-nos uma proposta de visão de mundo, completamente avessa às categorias filosóficas tradicionais de análise da realidade. Nietzsche apresenta de forma surreal a experiência vivida pelo homem grego através da intensidade mitológica.

Como propósito investigativo, no campo da crise referencial no contexto da educação contemporânea, nossa proposta é instigada pela busca de um caminho hermenêutico interpretativo. Caminho esse que, devido aos rumos da obra nietzschiana, se aplica como possibilidade de uma concepção de educação dionisiaca, na perspectiva de experiências vivenciadas e aplicadas neste sentido. Isto, sem deixar de lado o ponto de vista de diferentes autores e comentadores que, por sua vez, apontam para essa proposta de educação.

Desta forma, a educação como tragédia apresenta-se como um paradigma para pensar, sentir e intuir, mas também como uma problemática.

Palavras-chave: Educação, Filosofia, Origem da Tragédia, Nietzsche, Apolo e Dioniso, Transvaloração.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 CONCEPÇÃO ESTÉTICA APOLÍNEO DIONISÍACA.....	11
3 GENEALOGIA E TRANSVALORAÇÃO DA VERDADE.....	15
4 MAL-ESTAR DA CULTURA: CRISE DA EDUCAÇÃO MODERNA.....	20
5 PERSPECTIVAS.....	26
6 CONCLUSÃO/RECOMENDAÇÕES.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

A tão alardeada crise da educação de todos os tempos é reincidente, voltando sempre à tona por todos os meios de avaliação da sociedade moderna. Ela é espetacularmente destacada - de forma sensacionalista - pelos meios midiáticos de comunicação. Por sua vez, a mídia - com viés superficial - gera debates e propostas com discursos vazios, falaciosos e tendenciosos, ao negar a fuga do projeto da modernidade, cuja crise lhe é imanente, apontando sempre para uma mesma direção positivista e saudosista das experiências do passado, que não se poderá reproduzir instantaneamente no presente.

Para Nietzsche, o homem é por natureza um mentiroso, um artista que cria sempre novas máscaras. Sua chance está em considerar-se como alguém que sonha, mas que não esquece que está sonhando.

Nietzsche faz defesa do “espírito livre” (o aristocrata) contra o “instinto gregário”. O “espírito livre” é de fato a vitória do homem ativo que confirma a vida na sua pluralidade e que pode colocar em dúvida o caráter absoluto dos valores. (Balen, 1999, p. 27)

Dessa forma, não há possibilidade de uma reflexão descolada sobre a atual crise da educação, imanente do projeto modernizador da sociedade burguesa, sem o questionamento dos seus fundamentos. Ou seja, dos fundamentalismos - que nos acorrentam como escravos ao projeto racionalista - que cerceiam os limites para um projeto de educação, para além do paradigma do pensamento da Ilustração, da ruptura com seus princípios, de uma democracia amputada e da superação dos escopos egoísticos do individualismo.

A expressão egoísmo nos parece muito peculiar, com uma capacidade de expressar um dado singular da sociedade de seu tempo. Essa palavra é uma daquelas, que entre várias outras possíveis, revela a totalidade de algo. Os tipos de egoísmo, citados e tratados por Nietzsche, são: o egoísmo do Estado, do comerciante, dos entediados e fúteis e, por fim, dos cientistas. A marca de todos: interpor propósitos outros que não os culturais no caminho da formação da autêntica cultura. (Almeida, 2010, p.140)

De uma razão que se coloca acima das experiências da sensibilidade humana e, por consequência, se funda em uma economia consumista da descartabilidade, da lógica matemática que tudo quantifica, de um tecnicismo que desnaturaliza o pensamento, e

também de uma educação submetida e condicionada a formar rebanhos serviçais ao Estado e ao Mercado.

Nos dias de hoje vemos o egoísmo do mercado de trabalho ditando o que a juventude tem que estudar. A escola fundamental está toda ela voltada para outros fins que não a própria juventude. Essa fase da formação não procura desenvolver a autêntica cultura, mas está voltada para passar no vestibular, no caso das classes mais ricas, e ingressar no mercado de trabalho, no caso da grande maioria da juventude pobre e estudante de escola “estatal”. Observamos então, prevalecer o egoísmo do mercado de trabalho nos processos educacionais da escola. Os discursos que essas instituições propagam em seus projetos pedagógicos no fundo sempre escondem essa verdade que é a sua determinação segundo o mercado. (Almeida, 2010, p.143)

Desta maneira, muitas das manifestações e frustrações em sala de aula refletem a falta de perspectiva representada por uma educação massificada. Educação essa que se perdeu frente aos avanços tecnológicos e discursos de um futuro cada vez mais incerto, fomentado pelo niilismo social que se torna bombástico num ambiente escolar, já sem muitos atrativos, além de falido pelo sistema midiático da cultura de massas.

Em seus conteúdos obsoletos, para nossos educandos, a realidade se tornou ficção num contexto de anomia, tanto que aquela bolinha de papel jogada ao léu, a tentativa de botar fogo na sala de aula, o assédio moral, as agressões físicas, os vidros quebrados e as drogas são representações sociais; que não são sublimadas para perspectivas da realidade, que não é só crítica, do pertencimento que é diverso, da valorização da memória que é ilimitada, e da perda, mesmo que da própria identidade dos indivíduos, em meio ao flerte da cultura de massas.

Pensando com Nietzsche, podemos notar que o fenômeno internet, juntamente com o modelo de cultura moderna, eminentemente fundada no excesso de imagens, todas rápidas, pois é preciso passar para a próxima, como um incentivo ao não hábito de educar-se. O duro caminho de cultivar a vontade, dar força para ela, se perde com as miríades de possibilidades do hipertexto ou dos produtos ofertados pelos meios de comunicação de massa. (Almeida, 2010, p. 140)

Frente ao eterno retorno de tão destacado e atualizado debate, e de seu discurso imanente, ninguém mais apropriado do que Nietzsche, o filósofo do martelo, para nos ajudar a destroçar os fundamentos do pensamento único que permeiam o projeto civilizacional de ocidente.

Portanto, para refletirmos para além do pensamento dominante da modernidade, invocamos aquele deus bárbaro, que rompe as fronteiras desse império absolutista do pensamento racionalista, chamado Dionísio.

Mas, há um porém no que se refere a figura de Dionísio, sendo ele reconhecido e malvisto como o deus da embriaguez, podendo ser colocado sempre sobre suspeita (como também seu filósofo, Nietzsche, que se deixou embriagar por seu instinto e é, da mesma forma, sempre posto sobre suspeita). Assim, ao fazer a humanidade civilizada, se distanciar da realidade, para conduzi-la a uma forma de pensamento sem chão, ilógico, negativo e inebriante.

Contudo, é preferível um discurso da suspeição, em oposição à certeza alienada do pensamento civilizacional único, fixo e imutável, centrado em um otimismo de saúde aparente que, por sua vez, é profundo sinal de decadência.

Tais desgraçados nem sequer suspeitam da palidez cadavérica ou da aparência espectral de tanta “saúde”, quando na frente deles passa o furacão, ardente de vida, dos sonhadores dionísíacos.

Não é somente a aliança do homem com o homem que fica novamente selada pela magia do encantamento dionísíaco: também a natureza, alienada, inimiga ou subjugada, celebra a sua reconciliação com o filho pródigo, o homem. Espontaneamente, a terra oferece as suas dádivas, e as feras das montanhas e dos desertos aproximam-se pacíficas. O carro de Dionísio desaparece debaixo de flores e de grinaldas; panteras e tigres progridem subjugados. Transforme-se pela pintura o hino á alegria de Beethoven num quadro artístico, e deixando o curso livre a imaginação, contemplem-se os milhões de seres frementes, prosternados na poeira: nesse momento está próxima a embriaguez dionísíaca. Então o escravo é um homem livre, porque se quebram todas as correntes rígidas e hostis que a miséria, a arbitrariedade ou o “modo insolente” haviam estabelecido entre os homens. (Nietzsche, 1984, p.23-24)

Para além de um programa instituído em educação, é preciso colocar um pouco de nós mesmos na atuação cotidiana, por uma pedagogia estética do mundo.

Para pensarmos o tempo presente, tal como na obra *A Origem da Tragédia* (1984) que nos é apresentada através de visões, transfigurações, sentimentos e emoções, pois a filosofia proposta por Nietzsche é experimental, visceral; e a imagem do espírito dionísíaco, que é a intensidade musical, a experiência estética sublime.

O Nascimento da Tragédia não é propriamente um trabalho filológico, mas considerações filosóficas acerca da tragédia na Grécia Antiga. Até então, filólogos, estetas e historiadores haviam sublinhado apenas um princípio na arte grega: o apolíneo, Nietzsche contrapõe o dionísíaco, com seu caráter de vertigem e excesso. Esses princípios são manifestações, na arte, de duas pulsões cósmicas e, conjugados na tragédia, permitem aos gregos encontrar o equilíbrio entre elas. Com Sócrates, porém, substitui-se o homem trágico pelo seu contrário: o teórico. A afirmação da crueldade da existência cede lugar ao

otimismo do saber, a febre de viver, à serenidade. Opõe-se a vida à ideia - como se a vida devesse ser julgada, justificada, redimida pela ideia. Privilegia-se o conhecimento em detrimento da arte e dele se faz fonte de moralidade. E o dionisíaco acaba por desaparecer da cena do mundo por um longo período. Nietzsche acredita viver numa época em que ele volta a manifestar-se; prova disso é Tristão e Isolda de Wagner. (Marton, 2003, p.26)

O desafio da educação se tornou muito mais amplo na atualidade; e aos educadores, cada vez mais instigados por essa realidade, cabe à provocação avassaladora de novas perspectivas.

Assim, a educação como tragédia apresenta-se como um paradigma para pensar, sentir e intuir, mas, também como uma problemática.

A perseguição por uma concepção de educação, de ruptura com o projeto racionalista da sociedade moderna, está na altura do referencial, e também da produção teórica do filósofo Nietzsche.

Destarte, os conceitos desta jornada se debruçam na busca da inspiração proposta pelo filósofo da intuição, da criação e da imaginação.

A partir da obra nietzschiana, *A Origem da Tragédia* (1984) aparece-nos uma proposta de visão de mundo, completamente avessa às categorias filosóficas tradicionais de análise da realidade.

Nietzsche apresenta de forma surreal a experiência vivida pelo homem grego, através da intensidade mitológica.

Dessa forma, sua proposta se manifesta como um propósito de negação e ruptura com a visão de mundo ocidental, racionalista e matematizante; inaugurada pelos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, que, no auge desse pensamento, se expressão no movimento filosófico iluminista do século XVIII, bem como em sua retórica de desenvolvimento e felicidade global, a qual não se concretizou plenamente:

Ilusão da modernização burguesa referente ao sujeito... em termos ideológicos... começou a desfazer-se desde meados do século XIX [...] Isso pode ser reconhecido nas filosofias de crises, cada vez mais intensas, referentes à subjetividade que se manifesta na forma-mercadoria do mundo burguês, pelo menos de Kierkegaard e Nietzsche, que tem sua continuação na filosofia da vida e depois no existencialismo. Ao progresso dessas filosofias de crise corresponde a dessubjetivação do sistema social, que levou à atual desorientação pós-keynesiana (Kurz, 1999, p.35).

Como propósito investigativo - no campo da crise referencial e no contexto da educação contemporânea - nossa proposta é instigada pela busca de um caminho hermenêutico interpretativo, nos rumos da obra nietzschiana *A Origem da Tragédia* (1984), que se aplica como possibilidade de uma educação, cuja concepção é dionisíaca.

Numa perspectiva de experiências vivenciadas e aplicadas neste sentido, sem deixar de lado o ponto de vista de diferentes autores e comentadores que, por sua vez, se balizam por essa proposta de educação.

As experiências por Nietzsche tratadas são, por certo, complexas. Elas remetem a um universo de pensamento e experimentação (ética e estética) qualitativamente distinto do nosso. Serve, no entanto, como fonte para se problematizar a prática educativa contemporânea em face da dimensão estética do viver e do próprio pensar. (Pereira, 2009, p. 90)

Pois, através do “sonho” de inspiração apolínea e da “embriaguez dionisíaca” eles são considerados modelos primordiais, como manifestação de fenômenos artísticos no qual todo o artista é apresentado apenas como um “imitador” (Nietzsche, 1984, p.35).

A experiência hermenêutica não pode ser compreendida como o alcançar o ser através da retirada das máscaras, mas como confrontação do ser enquanto acontecimento. Há um processo de desmascaramento em Nietzsche. Mas o resultado deste processo não pode ser compreendido como apropriação do Verdadeiro, e sim como explicação da produção de mentiras, de máscaras ou de interpretações. (Balén, 1999, p.77).

Para isso, abordaremos em ordem sequencial, primeiramente, sobre a hermenêutica de Apolo e Dioniso, presente na obra *A Origem da Tragédia (1984)*, perseguindo a transfiguração na linha de Nietzsche, com o desvelar da concepção apolíneo dionisíaca.

Seguiremos dessa forma, por seu método genealógico e transvalorativo da verdade e, em um segundo plano, como projeto da educação trágica.

Adiante, pautando em terceiro tempo, os rumos da denúncia do mal-estar da cultura, sempre presente no discurso nietzschiano, desde o século XIX até nossa contemporaneidade.

Encerrando nossa investigação, em uma visão que aponta para as perspectivas do projeto trágico de educação, que se faz pela negatividade e pela ruptura com o projeto da modernidade.

2. CONCEPÇÃO ESTÉTICA APOLÍNEO DIONISIÁCA

Em consonância com Nietzsche, a promoção do progresso da ciência estética resulta do caráter duplo e antagônico do “espírito dionisiaco” (arte sem forma ou musical) e do “espírito apolíneo” (arte plástica, “arte dórica”). É pelo atrito e pela excitação dessas duas divindades gregas e pela graça da “vontade helênica”, que se reconciliam essas duas forças instintivas - impulsivas e irreconciliáveis – ocorrendo tal qual num “milagre metafísico” a gestação, parindo a “obra superior” da arte grega, que é a denominada “tragédia ática” (1984, p.19).

Nesta toada, percebemos que a contraposição à concepção apolínea (mundo da aparência e da “medida”) é representada pelo exagero do instinto dionisiaco, (“desmedido”) ou o mundo titânico e dos bárbaros (1984, p.35).

No decorrer, são apresentadas as propriedades qualitativas, da filosofia imagética de Nietzsche¹, para se pensar em uma concepção de educação, na abordagem de sua obra, *A Origem da Tragédia (1984)*. Esta tem um modelo de ruptura com os moldes instituídos de educação, que sufocam a possibilidade de uma pedagogia estética do mundo, propulsora da imaginação, e da criação.

Dioniso (música) é a representação do que é estrangeiro, estranho, um deus nômade (não tem lugar, não se fixa), comedor de carne crua, deus da demência, o rejeitado e reprimido, mas que sempre retorna, violentamente.

Em meio a essas qualidades, o deus que liberta os indivíduos do peso da coletividade é válvula de escape da coerção social e de suas leis. Isto se dá pela primazia das sensações individuais e particulares. Deus da embriaguez e disforme. Assim, ele é o Provocador da reconciliação do humano com a natureza, que por seu intermédio é reafirmada.

Apolo (palavra) é qualificado como o eternamente jovem (efebo), oscilando entre o mundo selvagem, vigoroso e o mundo social; bom guerreiro, viril, “quintessência do espírito da juventude agressiva, que nada tem a ver com o inacabado ou imaturo” (Pereira, 2009, p.92). É o deus da luz e da pureza, pois sabe o que é sujeira.

¹ Propriedades extraídas do artigo, **A epiderme do pensamento: arte e educação sob o ponto de vista trágico do primeiro Nietzsche**, de autoria do Prof. Dr. Marcelo de Andrade Pereira.

Na condição de deus purificador, Apolo conhece também o aspecto nojento, asqueroso e cru, por esse motivo Nietzsche não admite apenas a sua condição de deus da luz. E sim como Deus da guerra (sanguinário) e de seus horrores, aquele que combate o mal com o mal, deus da forma e da sobriedade. E também o sonho de reconciliação: “Apolo é o sonho da reconciliação, nele a natureza é entendida como produtora de impulsos” (Pereira, 2009, p.92).

Sonho esse que é símbolo de toda a aparência, no qual Apolo é a lembrança materializada do mundo dos sonhos, da perfeição em oposição à imperfeição deste mundo, é a expressão do *principium individuationis*, que se define pela subjetividade do homem moderno.

“um ano no qual a ausência de qualquer plano e de qualquer objetivo, o desinteresse quanto a qualquer projeto de futuro têm diante de minha consciência de hoje o jeito de um sonho, ainda que de ambos os lados, antes e depois, ele se cercasse de períodos de vigília (Nietzsche, 2003, p.49)

Apolo é a divindade que sabe como atuar na condição de véu encobridor, em sua aliança de contenção da herança orgástica do instinto dionisíaco, sublimando-o. É quem introduz a singularidade dos indivíduos.

Podemos de tal forma traduzir as alegorias dessa apreciação estética, em que a subjetividade é indicada, como sendo – necessariamente - inútil a qualquer processo criador. Devendo, desta forma, o “eu” ser aniquilado para a perspectiva de uma postura contemplativa, no plano da objetividade. Na medida em que todo impulso egoístico torna-se inimigo da estetização, e impede qualquer ação criadora.

O desafio pedagógico, para quem ousa trilhar intervenções educacionais avassaladoras, consiste em consumir-se em sujeito e objeto ao mesmo tempo; no processo intuitivo experimental do pensar e do sentir e, assim como os gregos, com sua visão estética do mundo. Eles objetivaram, na imagem perfeita de seus deuses antropomórficos, o trágico da vida.

A decadência do princípio da individuação, de conotação apolínea, sinônimo da serenidade e da beleza, é ofuscada no horrendo do estado da natureza humana mais profunda, que é a ruptura com a aparência e a forma.

Esta decadência, decorrente da força de contraposição do instinto dionisíaco, compreendido em seu estado de embriaguez, e que é caracterizado pelo esquecimento narcótico de si mesmo, de um estranhamento e de uma experiência, completamente desconhecida, mas que se torna diluída da parte de quem sabe trazer para si o mais

introvertido sujeito, que possa habitar neste mundo do desconhecido, numa reconciliação do humano consigo mesmo e com a natureza.

No qual o humano é que se faz Deus, na medida em que os grilhões se desfazem e a liberdade é plenamente instaurada, em tal estado de embriaguez que, simbolicamente, ela representa a válvula de escape de toda forma de coerção social, ou seja, uma fuga do estado de individuação apolíneo.

Toda experimentação estética apresentada na escritura da obra *A Origem da Tragédia* (1981), está nitidamente expressa na sensibilidade embriagada de Nietzsche, bem como em todas as suas formas de estéticas, do pensar com as próprias vísceras. Mesmo que tal estado concorra para queda e os riscos de erros analíticos. Pois, Dioniso é caracterizado do ponto de vista da lógica, do acerto, e do otimismo apolíneo como um deus errante e nômade, o rejeitado.

Em uma de suas abordagens analíticas, presente em sua ilustríssima obra *A Origem da Tragédia* (1984), Nietzsche percebeu, de forma contemplativa, na apreciação da obra-prima das artes plástica *A Transfiguração*, do artista plástico Rafael Sânzio, a presença irreconciliável e o emparelhamento dessas formas estéticas, sendo elas fontes propulsoras de uma psique da criação estética do sensível, expressão de sua forma genuína de sensibilidade estética, propulsora do conhecimento.

Nietzsche reconhece Rafael, como artista ingênuo que em seu apurado domínio da técnica formal, transcendeu seus impulsos naturais para cultura, contempla em sua obra de arte plástica, *A Transfiguração*, os impulsos apolíneos e dionisíacos (caos e ordem, demência e cura, luz e trevas, contenção e desmesura). (Pereira, 2009, p.96)

Pois o segredo do conhecimento estético e criativo dos gregos da era trágica denota que “o processo formativo da tragédia então, não se baseava em modelos ideais, mas na pura contradição da vida manifestada pelo pathos trágico”. (Almeida, 2010 p. 149)

Se, portanto nos abstrairmos por um instante de nossa própria “realidade”, se concebermos a nossa existência empírica, do mesmo modo que a do mundo em geral, como uma representação do Uno Primordial gerada em cada momento, neste caso o sonho deve agora valer para nós como aparência da aparência; por conseguinte, como a satisfação mais elevada do apetite primevo pela aparência. É pelo mesmo motivo que o cerne íntimo da natureza sente aquele prazer indescritível no artista ingênuo e na obra de arte ingênua, que é similarmente apenas “aparência da aparência”. RAFAEL, ele próprio um desses imortais “ingênuos”, representou-nos em sua pintura simbólica essa despotenciação da aparência na aparência, que é o processo primordial do artista “ingênuo” e simultaneamente da cultura apolínea. Em

sua Transfiguração, na metade inferior, com o rapazinho possesso, os seus carregadores desesperados, os discípulos desamparados, aterrorizados, ele nos mostra a reverberação da eterna dor primordial, o único fundamento do mundo: a “aparência” [Schein] é aqui reflexo [Widerschein] do eterno contraditório, pai de todas as coisas. (Nietzsche, 2006, p.39-40)



A Transfiguração, Rafael Sâncio

3. GENEALOGIA E TRANSVALORAÇÃO DA VERDADE

Durante o processo formativo do mundo mágico dos deuses Olímpicos, que expressa o sonho em forma de sublimação das angústias e do pessimismo da existência humana, ninguém melhor do que o povo grego - na visão de Nietzsche - aspirou através da arte a Vontade helênica pela vida, em meio a suspiros de dor.

O mundo estético dos deuses gregos, do qual Apolo é a expressão da luz, nada mais é do que a visão onírica, as avessas da realidade trágica dos gregos. Ao mesmo tempo em que representam uma antítese da sacralização platônica da moral judaico-cristã, por se apresentarem como expressões humanas divinizadas, sendo assim, bem e mal constituídos em valores indistintos.

Fazer com que a verdade apareça como um problema implica, para Nietzsche, problematizar também conceitos como o bem e o mal, o justo e o injusto, o lícito e o proibido, na medida em que verdade, beleza e bondade (justiça) sempre mantiveram íntima correlação. Nietzsche é, pois o filósofo que ousa colocar em questão o valor dos valores. (Giacoina Jr., 2000, p.25)

As imagens mitológicas da antiguidade grega apresentam-se como expressões psicológicas da realidade trágica dos gregos, e também refletem suas incertezas em relação ao destino reservado a eles pelos deuses.

Para Nietzsche, é na mitologia que se encontra a essência do conhecimento ilógico e intuitivo vivenciado na produção artística dos helênicos. É o reconhecimento da existência da produção de um mundo de caráter ficcional, em relação ao conhecimento e as verdades produzidas.

Nietzsche, de forma alguma, pretende resgatar uma metafísica religiosa, advinda da antiguidade, pois as averiguações de suas análises especulativas são de caráter genealógico.

Portanto, elas ocorrem pela inferência de uma ruptura com qualquer forma de metafísica, constatando a possibilidade de um conhecimento trágico.

Nietzsche propõe dessa forma, como projeto de investigação, conhecer o “gênio dionisíaco-apolíneo” e suas obras de arte, traçando assim sua genealogia e apontando, como artistas progenitores, Homero (ingênuo, apolíneo) e Arquíloco (“apaixonado”), na contramão do pensamento moderno sobre a estética, e sua classificação da objetividade (positiva) em relação à subjetividade (negativa).

Destarte, ele persegue o conhecimento pelo método das essências estéticas do:

- Lírico (“eu”, “paciente”) antigo (“músico com lírico”) versus lírico moderno (estátua de um deus decapitado, ilusão).

- Gênio (sujeito e objeto) “fenômeno estético”, “conhecimento exterior da arte é ilusório” (1984, p.37).

É perseguindo pela transvaloração dos conceitos do pensamento dominante. Na busca pelas origens da conexão entre o pensar e o viver (característico da era trágica dos gregos que antecede ao pensamento racionalista, teórico e metafísico, inaugurado por Sócrates e Platão) e que permanece como a matriz do pensamento ocidental por mais de dois milênios.

Esse indicativo do leitor de Nietzsche nos abaliza, também, a denotar que é possível fazer outras implicações da obra *O Nascimento da Tragédia* e os escritos sobre educação do filósofo. Por exemplo, quando Nietzsche se preocupa com o ensino da língua no ginásio, totalmente mal tratado, podemos notar conexão direta com as considerações do poeta lírico que Nietzsche descreve no início do *Nascimento da Tragédia*. Quando ele pensa em sua primeira obra filosófica que entre Homero e Arquíloco há pontos comuns, pois Arquíloco, como poeta subjetivo, lírico, também se iguala a Homero, escritor épico, objetivo, podemos dizer que sua preocupação com a língua deriva daí. E como se dá essa igualdade? Para Nietzsche o poeta subjetivo participa do ser, através do êxtase dionisíaco, e quando fala, o faz não a partir de sua subjetividade, de sua individualidade, mas a partir do núcleo do real, a partir de Dionísio. O que desprende dessa reflexão e sua conexão com as observações do filósofo sobre educação é que na produção da língua, no ensino da língua, no seu domínio, deve-se estar atento que essa permita, quando ensinada de modo adequado, ao educando participar do cerne da vida. (Almeida, 2010, p.129-130)

Com a morte dos mitos, devido às teorizações racionais, constata-se também a morte da mais bela obra de arte, a Tragédia Grega. E, por conseguinte, revela-nos a contraposição dos mitos como forma de sobreposição, em relação ao pensamento abstrato, da lógica racionalista.

Entre nós, temos o espírito de mercado, esse novo Sócrates, que é o avaliador; no caso da escola pública ele é implacável. Não permite ao jovem filho da classe operária ver outro horizonte se não o da utilidade. Mas quem se deixa guiar por esse juiz, pelo espírito teórico, pelo espírito de mercado, paga o preço que se pagou na Grécia Clássica quando a tragédia, no olhar de Nietzsche, sucumbiu. Em *O Nascimento da Tragédia* observamos o fim da tragédia exatamente quando Eurípides introduz a racionalidade socrática no seio dessa manifestação cultural. Esse novo olhar euripídiano negava à tragédia sua música dionisíaca. Mas era exatamente esse êxtase provocado pela música dionisíaca, esse se relacionar com o não conceitual, que a tornava proveitosa, espaço de criação estética. Na escola quando se nega seu seio materno da criação, quando se alija dela o ato de criar em nome de uma racionalidade produtiva, está se fazendo o mesmo que aconteceu com a tragédia (Almeida, 2010, p.144-145)

Uma vez que a concepção pedagógica do dionisíaco desponta como algo distante da realidade científica, e que, de acordo com Nicolay, “A música Dionisíaca, anterior ao amálgama apolíneo, tem uma conotação muito mais próxima dos rituais báquicos de veneração popular” (2010, p. 174).

Contudo, ela serve como inspiração de busca do conhecimento a luz da sensibilidade.

“A Tragédia é a representação de uma ação elevada, de alguma extensão e completa, em linguagem adornada, distribuídos os adornos por todas as partes, com atores atuando e não narrando; e que, despertando a piedade e temor, tem por resultado a catarse dessas emoções”(Aristóteles, 2000 p. 43).

Demonstração daquilo que se afirma na ação humana, que é a expressão do movimento vibracional interno e externo, das potencialidades humanas, e que não se reduz ao cunho das configurações em fontes narrativas, dos conceitos e dos discursos científicos.

Expressão do conhecimento trágico e da experiência estética, que se manifesta pelo fenômeno catártico, pois o “movimento é uma verdade e não uma aparência” (Nietzsche, 2012, p.105).

As forças antagônicas, polarizadas pelos espíritos apolíneos e dionisíacos apresentam-se desse modo como a fórmula destacada, em uma inovadora cosmovisão estética do mundo. De oposição à via exclusivista, do racionalismo científico que se legitima como fonte do conhecimento absoluto.

Para Nietzsche, todo o conhecimento é inevitavelmente guiado por interesses e condicionamentos subjetivos, ideológicos; o conhecimento resulta da projeção de nossos impulsos e anseios, razão pela qual Nietzsche o considera sempre determinado por certa perspectiva, seja individual, seja sociocultural determinada. Se, como resultado das ciências e do aprofundamento do esclarecimento, chegamos à experiência da morte de Deus, então é lícito colocar também em questão o único valor absoluto que ainda permanece reconhecido pela consciência científica contemporânea: o valor absoluto da verdade. (Giacóia Jr., 2000, p.24)

A conjunção dessa força dos instintos dionisíacos e apolíneos, é o esboço pedagógico apresentado por Nietzsche, em suas visões metafóricas dos instintos desses espíritos que são representados, fisiologicamente, pelo sonho e pela embriaguez, como projeto de aspiração que impulsionou os gregos, da antiguidade, na produção da sublime arte da Tragédia.

O processo educativo demanda, por isso mesmo, uma reconsideração não só de sua prática, mas também da própria concepção de campo investigativo de que partem essas noções, de experiência e pensamento. (Pereira, 2009, p.101)

A proposta estética de pensamento epistemológico, para aqueles que se atreverem a fazer intervenções educacionais provocadoras, em um processo de transvaloração e superação das imposições sociais limitadoras, do desenvolvimento do espírito livre do ser humano.

Talvez Pedagogia da Alegria ou Pedagogia das Máscaras deveria ser o outro nome dessa provocação à respeitosa tradição do pensar educacional, que ensinou durante séculos que o prazer, a vontade e a sexualidade em desmesura são considerados pecados mortais a condição humana. (Nicolay, 2010, p.174)

Conduzindo os indivíduos ao estado superior do conhecimento estético, através de uma pedagogia dionisíaca, de negação dos tradicionais moldes, das teorias de investigação do conhecimento. Cujas pretensões de medidas apolíneas, submetem os indivíduos na individuação condicionante, dos discursos de suas verdades instituídas.

Em situação conjuntural e degradante dos nossos processos educacionais e de nossos estabelecimentos de ensino. Torna-se irrecusável, o apelo das reflexões das categorias estéticas, de um pensamento trágico do conhecimento.

O processo de esvaziamento de sentido operado na escola pode ser também compreendido em relação ao que Nietzsche denuncia no espírito do homem teórico, conceito de *O Nascimento da Tragédia*. Segundo essa asserção nietzschiana, o espírito socrático-teórico procura arguir o Ser a partir de logos. Essa postura gera um otimismo, um conjunto de certezas que Nietzsche chama de serena jovialidade Alexandrina, para contrapor a outra serena jovialidade que é a trágica, construída sob o alicerce do conhecimento trágico. (Almeida, 2010, p. 144).

Conhecimento que nos possibilite ultrapassar os pressupostos tradicionais do conhecimento. E que, com a força terapêutica da negação dionisíaca, dissolvente de toda individuação inibidora, tal como na celebração da primavera dionisíaca. Para que possamos alcançar, por fim, a reconciliação plena do saber com a natureza.

Pela ruptura com toda forma de coerção, que sufoca os movimentos dionisíacos, propulsores do conhecimento, pela vitalidade dos impulsos humanos, potencializados.

“Perdido nestas reflexões quase religiosas sobre mim mesmo, estava quase a ponto de responder com o mesmo tom satisfeito à questão que tocava nossos estabelecimentos de ensino, quando se impôs pouco a pouco a impressão de que a música natural que vinha de longe, do banco dos filósofos, perdia o caráter que tinha tido até então, e chegava a nós muito mais penetrante e clara. De repente, percebi que escutava, que prestava atenção, que prestava uma atenção apaixonada, que escutava com todos os meus ouvidos”. (Nietzsche, 2003, p.59)

4. MAL-ESTAR DA CULTURA: CRISE DA EDUCAÇÃO MODERNA.

A denúncia do processo de mortificação da cultura aparece na crítica deferida por Nietzsche, que remonta o contexto do surgimento dos estabelecimentos de ensino do século XIX, em pleno processo de unificação da Alemanha, o assim denominado II Reich Alemão.

O Estado Alemão constituído assume para si o monopólio do saber, nos rumos da implantação do projeto de desenvolvimento econômico nacionalista e burguês, e de suas exigências de uma mão-de-obra tecnicamente especializada e profissionalizada; que, de forma gradativa, fragmentou o conhecimento produzido pelas universidades em diversas áreas especializadas, o que se reflete na crise educacional em nossa atualidade.

Rigor nada tem a ver com o que a academia se tornou com o passar dos anos: um antro de política lobista e de burocracia da produtividade a serviço da morte do pensamento. A universidade está morta e só não sente o cheiro do cadáver quem tem vocação para se alimentar de lixo. Fosse Kafka vivo e escrevesse um conto sobre nós, acadêmicos, nos colocaria com cara de ratos. (Luiz Felipe Pondé, **Folha de S. Paulo**, 05-11-2012)

Eis a denúncia da continuidade do projeto de mortificação da cultura, que é prova cabal da submissão da cultura acadêmica atual aos ditames do processo de desenvolvimento econômico burguês. O fato se reflete, num efeito cascata, em uma cultura escolar massificada, ao estilo do progresso industrialista, que contrasta com o desenvolvimento integral e autônomo dos indivíduos submetidos à formação em série, da produtividade capitalista.

Estamos nos acostumando com as manchetes atuais na mídia brasileira, que apontam uma crise na educação em evidência, que é trivial. Talvez porque, em termos educacionais, nunca saímos de tão propalada situação, que é sistêmica, portanto institucionalizada, demonstração do niilismo social da educação que anuncia sua morte.

A **Pnad** do IBGE revela aumento na proporção de jovens que não estudam nem trabalham no País. Em 2009, 85,2% da população de 15 a 17 anos frequentava a escola. Dois anos depois, esse porcentual caiu para 83,7%, interrompendo uma tendência de crescimento da taxa de escolarização nessa faixa etária que era verificada desde 2005. (A reportagem é de **Felipe Werneck** e publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, 22-09-2012/

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/513834-sobe-no-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham>)

Tais notícias nos revelam os desgastes de uma educação superficial, do mal-estar da cultura moderna, sem deixar de revelar claramente os reais motivos das preocupações, como a decadência do sistema educacional, por parte de amplos setores institucionais da sociedade, principalmente, daqueles ligados a cadeia econômica e produtiva do país.

Ex-ministro Pratini de Moraes afirma que educação é a grande solução para o Brasil. "Enquanto o Brasil não for um país educado vamos ter pobreza e grande diferencial de renda". De acordo com Pratini, não existe país rico ou pobre, se considerar a questão em função de recursos, o mais pobre seria o Japão, que não tem espaço nem para construir aeroporto e precisa aterrar o mar. "Qual a diferença do Japão para o Brasil? Simples, a grande diferença é a educação".

Para isso se tornar possível, de acordo com Pratini, a solução são novos projetos para o Brasil, que solucionem os problemas pontuais e a única prioridade deve ser a educação.

(<http://www.tribunars.com.br/index.php?origem=noticia&id=27045>)

País introjetou ideia de crescer pela educação, diz Delfim Netto

Ex-ministro da Fazenda acredita que Brasil começa a entender que a educação é o que impulsiona o crescimento; os gastos nessa área, para ele, deveriam ser considerados investimentos para o cálculo do PIB

SÃO PAULO - O ex-ministro da Fazenda Antonio Delfim Netto afirmou nesta quinta-feira que "o Brasil introjetou a ideia de que só se cresce pela educação e isso já acontece de maneira silenciosa" no País. Segundo ele, que participou do seminário "O que devemos fazer já para crescer 5% pelas próximas duas décadas", realizado em São Paulo, os gastos em educação deveriam até ser considerados como investimentos para o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB). "O produto do recurso que você colocou em educação é fruto desse investimento", defendeu. Para Delfim, quanto menor a renda da família, maior a preocupação com a educação. "Está acabando a ideia de que é preciso padrinho para crescer e, por isso, a preocupação com a educação tem muito mais ênfase nessa faixa", afirmou. "A minha dúvida é saber se o Estado é capaz de fazer isso, com investimentos em capacitação dos educadores", disse. (Gustavo Porto, da Agência Estado, 20 de setembro de 2012-12h25

(<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia%2520geral.pais-introjetou-ideia-de-crescer-pela-educacao-diz-delfim-netto.127573.0.htm>)

Ao Estado, instituição de concepção metafísica, que estabelece as estruturas da sociedade e do sistema educacional em bases de racionalidade (com seu arsenal burocrático) e que aliena e violenta a sociedade civil, particularmente os indivíduos na sua perspectiva de tornarem-se senhores de si mesmo, cabe à tarefa de legitimar os escopos egoísticos dos interesses economicistas dos filisteus da cultura.

Os mandatários públicos entram em estado de êxtase quando vão a público falar que a salvação da educação é a educação para o mercado. Nas escolas privadas vamos ver também semelhante discurso. Nesse caso é o vestibular para poder entrar nas melhores universidades que, por sua vez, irá garantir o melhor emprego, o ganhar mais. O que difere as aspirações do educando nos dois sistemas educacionais é apenas a hierarquia do mercado de trabalho. O da escola estatal, os cargos que pagam menos; os da privada a elite do funcionalismo das empresas ou do próprio Estado. Mas o fato de que o jogo criativo é substituído se dá nos dois sistemas educacionais (Almeida, 2010, p. 145)

O que não impede a busca de uma educação pura, ou seja, descontaminada dos interesses economicistas. Liberta de qualquer objetivo prático, pois todo processo criativo orgástico é impulsionado pela via de uma gestação desinteressada, dispensando assim, qualquer vínculo pragmático e utilitário.

Por isso, Nietzsche nos traz à tona a importância da Tragédia Grega, na qual se encontra a verdadeira situação do espírito humano, em contraposição as promessas irrealizáveis do projeto iluminista burguês.

Em sua abordagem de um projeto culturalmente inovador para os homens do mundo moderno, para alguns uma verdadeira revolução cultural ou um grande projeto de revisão de costumes e conceitos instituídos, que se faz valer a martelada, desconstruindo valores e verdades predominantes ao longo da história da civilização ocidental.

No contexto atual da educação, devemos voltar, ainda, nosso olhar analítico para a abordagem de uma educação no sentido amplo, não mais restrito ao âmbito escolar, mas de uma educação determinada pela amplitude de atuação nos diversos campos da esfera humana.

Uma educação voltada para a vida emancipada, pelo caminho da renovação da sensibilidade humana, que favoreça a rebelião dos indivíduos; na catarse da transvaloração, que possibilite a contestação de todos os valores convencionais, condicionantes da formação humana.

Rompendo com a educação formativa e condicionadora, da produção em série e racionalizadora, do sistema produtivo dominante. O dionísíaco, nestas condições, representa a prefiguração dessa ruptura, e que não depende, apenas, da consciência (de caráter apolíneo) dos indivíduos, sobre sua condição de uma realidade, de adestramento, e de alienação, a qual os mortais estão submetidos.

Não podemos, portanto, identificar o sujeito com a consciência em Nietzsche, pois a consciência é para o nosso filósofo o resultado de uma necessidade social, expressão de nosso instinto de rebanho. A consciência surge da necessidade de nos comunicarmos, de resolvermos os nossos problemas práticos de sobrevivência juntos, em sociedade. Na verdade, é o corpo através de suas emoções, sentimentos e desejos que desempenha o papel mais importante. É o nosso corpo que mantém verdadeiro contato com a multiplicidade. Temos que reaprender a pensar am Leitfaden des Leibes - o fio condutor da vida. (Baden, 1999, p.62)

Todavia, que urge da contribuição dionisíaca pela intuição da inconsciência, ilógica, e da transgressão transvalorativa que se coloca como superação de todas as formas de coerções, das leis reinantes, das convenções imperiosas, e das regras carcomidas, estabelecidas pela sociedade das Luzes.

Para que os indivíduos atinjam o grau pleno da autoconsciência, revelado artisticamente, na transfiguração do gênio pelo fenômeno do emparelhamento da manifestação apolíneo-dionisíaco.

Em aforismos, a pedagogia sugestiva de Nietzsche exige que o indivíduo voe ao nível de seu autor, o que pressupõe ao grau aristocrático do pensar autoconsciente. Sem a condição de prestar contas a outros sobre perspectivas da livre interpretação, de uma pretensa realidade, que é por ele considerada aparente e ilusória.

Pois, o conhecimento dionisíaco é aquele que se encontra no fundo das coisas, “ele está querendo falar-nos desse elemento de originalidade, de distanciamento da massa geral, que é para Nietzsche o gênio, o ideal do homem livre” (Nietzsche, 2012, p. 11).

Esse ideal de refinamento do pensamento autoconsciente, inspirado e vivenciado no mundo trágico dos gregos, não encontra espaço no projeto pedagógico da modernidade. E a crítica proferida pelo filósofo do martelo contra a educação servil do Estado e do Mercado e, por conseguinte, contra as instituições de ensino da Alemanha no século XIX, permanece perene e atual em nossa conjuntura temporal do processo produtivo desenvolvimentista. Bem como das determinações da sociedade capitalista que, de modo superficial, oferece aos indivíduos uma formação antinatural, de reforço da formação tecnicista, que é a submissão humana a um aparente conhecimento utilitarista, e que - em sua essência - é a negação da aspiração pelo conhecimento profundo da essência própria da vida.

Contrariamente a experiência do pensamento humano, na remota era trágica dos gregos, e em sua “relação séria e direta que para esses gregos havia entre pensar e viver - uma relação esquecida em nossa era esclarecida” (Nietzsche, 2012, p.7). Desta forma:

“O adestramento realizado pelas instituições de seu tempo, para Nietzsche, nada tem a ver com a verdadeira cultura. O que cada indivíduo necessita aprender para sua própria sobrevivência é importante, e as experiências que levam-no a tais aprendizados são realmente necessárias. Nietzsche não nega a necessidade de uma educação para a sobrevivência. O que enfatiza é que não há cultura sem o desligamento do “mundo das necessidades”, e que um homem que está ligado a esta luta individual pela vida não pode simplesmente dispor de tempo para alcançar a verdadeira cultura. Uma educação que se propõe como finalidade formar alguém para ocupar um cargo de funcionário ou ganhar dinheiro não pode ser chamada de educação para a cultura, mas apenas uma indicação do caminho que o indivíduo deverá percorrer para manter-se vivo. Trata-se de uma educação que visa a domesticação, a criação de pessoas medíocres e úteis aos ditames de seu tempo.”(Neukamp,2008, p. 44-45)

Na atualidade, vivenciamos uma sociedade esclarecida que é, ao mesmo tempo, submetida ao processo egoístico economicista de uma “cultura filistéia”. Nela, os cidadãos são meramente cumpridores das leis, regrados a ponto de negarem-se a uma reflexão estética da própria vida, pela imposição de um regime democrático que pretende igualar a humanidade aos valores dominantes da ideal sociedade burguesa.

O termo “filisteu”, que já aparece na Bíblia, passou a ser empregado no século XVIII, nos meios universitários alemães, para designar os estritos cumpridores das leis e dedicados executores dos deveres que execravam a liberdade gozada pelos estudantes. Personagem de bom senso, inculta em questões de arte e crédula na ordem natural das coisas, o “filisteu” recorria ao mesmo raciocínio para tratar das riquezas mundanas e das culturais. O poeta Heine diria que ele pesava, na sua balança de queijos, “o próprio gênio, a chama e o imponderável”. Ao formular a expressão “filisteus da cultura”, é nessa mesma direção que Nietzsche caminha. (Marton, 1993, p.18)

Por isso, antes mesmo que nos furtemos à rendição dos discursos políticos ideológicos e a presunção midiática de dar respostas parciais para um projeto de Educação, é preciso uma ruptura com as linhas de pensamentos pré-fabricados para refletirmos sobre a submissão da mesma a estruturas históricas, na qual “educação e cultura acham-se submetidas ao reino da quantidade” (Marton, 1993, p.17).

Sobre o papel que a Educação cumpre nessa sociedade que a domesticou, voltemos reflexivamente nosso olhar para as averiguações suscitada por Nietzsche, em seus apontamentos de educador.

“Não esqueçamos que, graças a esta associação, jamais pensamos naquilo que se chama comumente profissão. A exploração quase sistemática que o Estado fez destes anos, na medida em que quis o mais cedo possível atrair para si funcionários utilizáveis e se assegurar, através de exames excessivamente rigorosos, da sua docilidade incondicional, tudo isso estava muito distante de nossa formação; não éramos determinados por qualquer espírito utilitário, qualquer desejo de progredir rapidamente e fazer

rapidamente uma carreira; percebemos todos um fato que agora parece consolador: naquele momento, nenhum de nós sabia no que nos tornaríamos, e inclusive isto não nos preocupava” (Nietzsche, 2003, p.58)

A crise alardeada da educação, em nossa conjuntura nacional, é imanente ao modelo político e econômico da sociedade de consumo capitalista, que não somente aliena os indivíduos que “escondem-se de si próprios sob costumes e opiniões” (Nietzsche, 2012, p.10).

Como ela conduz ao enfraquecimento da cultura, ou seja, “um tempo que sofre da assim chamada formação universal” (Nietzsche, 2012, p.10), pelo embrutecimento na produção do conhecimento voltado apenas para os escopos egoísticos de seus cidadãos. Sendo assim, representa em profundidade a negação da essência da vida.

“Ao ultrapassarmos a primeira metade de O Nascimento da Tragédia, somos, subitamente, jogados diretamente ao encontro do século XIX europeu. Percebemos então ter sido sempre essa a intenção de Nietzsche: remeter-nos para nossa própria época e seus males crônicos. A cultura grega transfigura-se, assim, no que, na verdade, talvez sempre tenha sido para Nietzsche: “contra referência” estratégica para uma incursão através do “mal-estar” da cultura moderna.” (Rodrigues, 1998, p. 76)

Para isso, sua proposta se aproxima mais com o caos do que com a organização, a formalidade e a padronização de uma educação moldada pela tradição iluminista. O que, por conseguinte, postula a autonomia e a emancipação dos indivíduos pelo crivo da racionalidade, desmerecendo outros aspectos culturais vistos, apenas como resultado do desenvolvimento e do progresso científico.

Então ele pensa a educação humanista? Mais uma vez está aí sua originalidade, pois o que ele entende por homem de cultura é algo distinto do humanismo que é uma invenção Liberal, e que se caracteriza, por exemplo, por uma falsa valorização do trabalho e a crença no progresso das ciências como sinônimo de um progresso da cultura humana. (Almeida, 2010, p. 127)

5. PERSPECTIVAS

Somente pela negatividade e ruptura de concepção dionisíaca escaparemos da matriz pensamento, cuja forma é imanente na sociedade moderna.

“A forma de ser da expressão trágica é, por certo, distinta da expressividade discriminativa cuja lógica é burguesa – inaugurada, de um certo modo, para o filósofo do martelo, pelo socratismo euripídiano”. (Pereira, 2009, p.97)

Colocando-nos no movimento dionisíaco em direção de novas perspectivas para superação das chagas, do mal-estar da cultura. Pela perspectiva do processo de relativização do pensamento absoluto, através das alegorias metafóricas.

Concorrendo para que, aos poucos, se abandone os preconceitos da intelectualidade iluminada, em relação ao mundo da intuição, ao movimento corpóreo da ação humana e do senso comum do mundo dos mitos.

O paradigma mais profundo que se oculta no fundo da abordagem pedagógica de Nietzsche na época destas conferências é aquela que estabelece a luta e o amálgama das forças dionisíacas e apolíneas nas realizações humanas, paradigma já presente no Nascimento da Tragédia publicado em 1872. Portanto, quando se trata de considerar a formação intelectual dos indivíduos, se deve sempre levar em conta estes impulsos, um que vem do abismo inexpugnável do inconsciente e do corpo e outro que forma as imagens do mundo na consciência, pois eles são primordiais e indestrutíveis. (Melo Sobrinho apud Almeida, 2010, p. 34)

Essa perspectiva, que se apresenta como conhecimento e que envolve toda a expressão da sensibilidade humana, não condicionada apenas ao plano intelectual racionalista, consumando toda a realidade em uma experiência estética. “Essa perspectiva da educação estética em Nietzsche nos chama a atenção para mais um conceito importante que é o da transformação e não o da formação” (Almeida, 2010, p.132).

“[...] a educação está longe de ser totalmente instruir e informar, não é uma aprendizagem no sentido tradicional do termo, mas é, sobretudo, fazer despertar os sentidos para a elevação da cultura, quer dizer, afirmar a vida e o mundo na sua tragicidade.” (Melo Sobrinho apud Almeida 2010, p. 37).

Contudo, para implementar o seu projeto estético, sempre em processo de construção e destruição transvalorativa, Nietzsche deixou recomendações aos educadores mais atentos: “Educar os educadores! Mas os primeiros devem começar por se educar a si próprios. E é para esses que eu escrevo.” (Nietzsche apud Neukamp, 2008). Numa postura de abandono dos egoísmos absorvidos da sociedade moderna e que esgotaram a perspectiva de uma educação emancipadora, que possibilite uma atuação geradora da cultura da natureza humana, sem fins utilitários.

[...] o mestre é quem estabeleceria o roteiro do aprendiz e nesse contexto é que o indivíduo aprenderia quais os melhores caminhos a serem percorridos.
 [...] Nietzsche concebia uma classe de mestres que se educariam mutuamente, e eles viveriam longe da plebe, e desses seres raros é que os discípulos sorveriam o saber produzido por eles.
 [...] Nietzsche pensa numa relação de mestre e discípulo como as escolas gregas de filosofia. Depois de muito tempo, quando mestre, é que era possível ser livre. (Almeida, 2010, p 128).

Os indivíduos seriam educados em grupos reduzidos, pois a postura crítica de Nietzsche em relação à educação postula-se contra qualquer forma de massificação e por seu pensamento e método genealógico da transvaloração, pela denúncia das doutrinas de formação de rebanho, das instituições de seu tempo.

“A nova educação defendida por ele exige, do ponto de vista do processo didático-pedagógico, valorizar as aparências nas suas diferentes intensidades e perspectivas, ou seja, ela exige antes de mais nada ‘ser fiel à terra’, como única via de superação dos niilismo e de atingimento da grandeza; esta nova educação pressupõe que a vida somente está justificada como fenômeno estético, como formação de si, como cultura, como uma empreitada de destruição/criação que indica novos modos de pensar inusitados até então.” (Melo Sobrinho apud Almeida, 2010, p. 37)

Em termos de uma concepção estética da educação, invoquemos a transfiguração de inspiração apolínea dionisíaca traçando a transvaloração de todos os conceitos de educação dominantes que, por sua vez, são a negação do desenvolvimento das potencialidades humanas em sua essência niilista, representando uma cultura da morte, pelo seu enfraquecimento letárgico, do conhecimento pleno dos indivíduos.

Nietzsche é o arauto filosófico do artista, e das paixões que ele desperta. Portanto, tudo está sujeito à expansão dos experimentos vitais dos seres humanos, não delimitados pela ciência moderna. Pois, para ele, a possibilidade do indivíduo de exercer a vontade livremente é destacada como um projeto pedagógico, de vivência dos

instintos, sentimentos e de sensibilidade emocional. É a valorização estética, das mais naturais, das mais profundas e sublimes. Liberadas pelas pulsões humanas que remonta a memória de dimensão dionisíaca.

Primordialmente inscrita em nossa natureza humana, muito antes da configuração do mundo grego (pois Dionísio, sendo um deus estrangeiro migrou para Grécia, conforme ilustrado em sua mitologia) e que representa a expressão humana pela vontade de potência, fundamento das especulações filosóficas de Nietzsche, sobre a Tragédia Grega.

6. CONCLUSÃO/RECOMENDAÇÕES

O educador Nietzsche (Neukamp, 2008, p.11) nos aconselhou a não conformidade, com a elaboração de conceitos dados e prontos para serem ilustrados, recomendando sempre a fabricação de novos.

A educação massificada da cultura, voltada para os interesses do Estado e do sistema social do mercado de trabalho, foi - de modo contundente - questionada pelo filósofo, em pleno avanço da sociedade industrial do século XIX, com sua tendência de engessamento do desenvolvimento criativo pleno de sentido. Por isso, essa problemática tende, por princípio, a crítica de velhos valores limitadores. Para então projetar uma nova perspectiva de abordagem deste tema atual, bem como a superação pela busca da renovação das experiências humanas, num impulso vital.

Esse novo paradigma de ruptura com a racionalidade pela “vontade de potência” exercida é posto sobre suspeita como projeto pedagógico de educação, em um mundo em que todas as suas instituições tradicionais estão fadadas a decadência, e a uma crise de credibilidade na atualidade.

Mesmo ao percebermos a extensão estética que esse paradigma promete desvelar, para a liberação da ação e da criação própria das pulsões humanas, lançam-se suspeitas sobre tudo que possa ser inovador e que nos é estranho e desconhecido.

As suspeitas lançadas a proposta do profeta da Modernidade, que se rebelou contra ela, e nos ajudou a entender que ela não foi suficientemente capaz de dar continuidade aos rumos da história humana, somente será contemplada pelos caminhos dos discípulos do profeta rebelde. Estes, por seu turno, preparados com seus martelos, continuaram trilhando, pelo método das marteladas, a mensagem estética do arauto telúrico da embriaguez, cujo envolvimento pela luz da bela aparência reflete em nós, e é manifestado, apenas como imitadores, da sua natureza e de sua arte.

A ciência da educação deve se embasar, por isso mesmo, por sua matéria, a vida, o acontecimento, naquilo mesmo que há de velado, sombrio e misterioso, e não por sua finalidade, o conhecimento, pois só assim será a ela permitida errar pelas sendas obscuras que levam os indivíduos a pensar e criar. Pensar com Nietzsche é pensar heroicamente, atitude própria daqueles que dizem sim à vida, supondo, dessa maneira, que viver é também e necessariamente obrar, artistar. (Pereira, 2009, p.102)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cídio Lopes de. **A Educação Estética de Nietzsche**. Revista Omnia Lumina. São Paulo, v. 1 n.º 2, p. 123 - 155, Jul./Dez. 2010. Disponível on line www.revistaomnialumina.org.br
- ARISTÓTELES, 384-322 A.C. **Poética ; Organon ; Política ; Constituição de Atenas** São Paulo : Nova Cultural, 2000. 315 p
- BALEN, Regina Maria Lopes van. **Sujeito e identidade em Nietzsche**. Rio Janeiro: UAPÊ, 1999, 100 p.
- BENCHIMOL, Marcio. **Apolo e Dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000. 92 p.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 327 p.
- MARTON, Scarlett, 1951-. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. 2ª. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2001. 281 p.
- MARTON, Scarlett, 1951-. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 1993. 119 p.
- MENDES, Vitor Hugo. **O sujeito da educação em um contexto pós-metafísico**. 2006. 166 f.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 1997. 156 p.
- NEUKAMP, Elenilton. **Nietzsche, o professor**. São Leopoldo: Oikos: Nova Harmonia, 2008.
- NICOLAY, Deniz Alcione. **Por uma Pedagogia Dionisíaca**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.35 n.2, Maio/Agosto, p.01-132, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **A origem da tragédia**. São Paulo: Moraes, 1984. 152 p.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **A visão dionisíaca do mundo: e outros textos de juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 93 p.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **O nascimento da tragédia, ou, Helenismo e pessimismo**. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 177 p.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. 227 p.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003. 102 p.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **A epiderme do pensamento: arte e educação sob o ponto de vista trágico do primeiro Nietzsche**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, Santa Maria, número 12: Maio/Outubro, p.89-102, 2009.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Poética do desconcerto**: experiência e pensamento em educação. 2003. 63 f.

RODRIGUES, Luzia Gontijo. **Nietzsche e os gregos**: arte e "mal-estar" na cultura. São Paulo: Annablume, 1998. 119 p.

TAVARES, Manuel. **Análise da obra A Origem da Tragédia de Nietzsche**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1999. 151 p.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/513834-sobe-no-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham>

<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia%2520geral,pais-introjetou-ideia-de-crescer-pela-educacao-diz-delfim-netto,127573,0.htm>

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/1180196-o-filosofo-do-martelo-na-academia.shtml>

<http://www.atribunars.com.br/index.php?origem=noticia&id=27045>